

Honestidade é o ponto de partida

Honestidade. É o principal critério das mulheres para escolher um candidato, seja a governador, Presidente da República, deputado ou senador, principalmente se ela não tem vinculação partidária, nem atrelamento ideológico. Déborah Menezes é delegada, Ana Tilmann é médica, Gorete Vieira Batista tem uma pequena fábrica de confecções, Ione Moraes é bancária. Mas elas nem param para pensar e respondem de pronto: Tem de ser honesto.

Também tem de ser a favor do aborto, do atendimento em hospitais públicos para os casos legalizados e da discriminação. Ou seja, tem que ter compromisso explícito com as causas das mulheres. Caso contrário, não ganham o voto recomendado pelo Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA), uma Organização Não-Governamental criada há nove anos, em Brasília. Mas a preferência, nas recomendações do Conselho é para os candidatos do sexo feminino. Afinal, o CFEMEA esteve na linha de frente na luta para garantir um percentual de participação das mulheres candidatas, de 25% nestas eleições e 30% nas seguintes.

O CFEMEA está pensando em organizar ações específicas para dar suporte às candidatas na próximas eleições, como a realização de fóruns de debate. Isso não significa que elas vão se descuidar dos candidatos do sexo masculino. Nas eleições passadas o conselho preparou um carta com as reivindicações das mulheres e mandou para todos os candidatos. Vai fazer a mesma coisa agora e, como aconteceu antes, pedirá aos candidatos, de todos os partidos e níveis que assinem o documento. O CFEMEA não tem filiadas. Tem um cadastro com 2.500 registros de mulheres, sendo 350 de Brasília e promete, como já fez antes, mandar o documento assinado para todas.

Honestidade pode ser o ingrediente principal. Entretanto, algumas mulheres acrescentam outros itens. É o caso de Leonor Leiko Agüena. Filiada ao PT até ser nomeada juíza, em 1995, ela não acredita em candidato que vive mudando de partido. Não importa se de direita ou esquerda, a juíza acha que um político tem que estar identificado com seu partido, como foi o deputado Amaral Neto (já falecido) com a Arena e o PDS e José Genuino (SP) é com o PT, por exemplo.

Bandeiras

Na pesquisa do Instituto Fecomércio, feita em janeiro, ou na conversa com algumas mulheres, não muda. Elas estão muito preocupadas com a segurança. É bem verdade que na pesquisa o maior número, 65 mulheres, citou a saúde em primeiro lugar ao listar os três principais problemas do Distrito Federal. Em seguida veio a segurança (58 mulheres) e depois o desemprego (47). Conversando sobre critérios para escolher seus candidatos e os problemas do DF que precisam ser encarados por eles a segurança é tema prioritário entre as mulheres. Com alguma variação para os meninos de rua e o desemprego.

"Eu morava na cidade mais calma do Distrito federal. Hoje é a mais violenta. Não consigo mais sair caminhando pela rua como fazia antes. Brasília está se tornando um Rio de Janeiro", desabafa Gorete Vieira Batista, líder comunitária e dona de uma pequena confecção em Sobradinho.

"Eu ando em pânico, por mim e por minha filha" diz Ione da Silva Moraes, mãe de Roberta Moraes Duarte, uma moça de 16 anos que, por sinal, recusa-se a usufruir do direito ao voto antes dos 18 anos. Apesar de ter ficado sensibilizada com os argumentos de sua professora de Literatura no Colégio Militar, quando ela disse que quem não vota não tem direito de reclamar depois dos governantes e parlamentares, Roberta não vai tirar o título de eleitor antes da maioridade. Ela acha que não vale a pena, porque não acredita nos políticos. (J.G.)